

## DESAFIOS E POTENCIALIDADES: O ENSINO DE FILOSOFIA NO CENÁRIO DA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA

Marcos Alexandre Alves\*

**Resumo:** O texto versa sobre alguns desafios encontrados no ensino da disciplina de Filosofia no cenário da educação básica brasileira. Aborda questões levantadas por pesquisadores nesta área que são corroboradas por experiência própria na docência em Filosofia. O objetivo aqui é refletir sobre as dificuldades encontradas no sentido de buscar conciliar a especificidade da Filosofia enquanto área do saber e a complexidade de seu ensino no nível médio. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, agregada com a experiência de acompanhamento dos estágios supervisionados do curso Licenciatura em Filosofia (UNIFRA) e da Coordenação do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES/UNIFRA) na área de Filosofia.

**Palavras-chave:** Potencialidades; Desafios; Ensino de Filosofia; Educação básica.

**Resumen:** Este artículo trata de algunos de los desafíos encontrados en la enseñanza de la filosofía en el escenario de la educación brasileña. Aborda cuestiones planteadas por los investigadores en esta área que son apoyados por la experiencia en la enseñanza de la filosofía. El objetivo aquí es reflexionar sobre las dificultades encontradas en el sentido de tratar de

conciliar la especificidad de la filosofía como un campo del saber y la complejidad de su enseñanza en el nivel secundario. Se trata de una investigación bibliográfica, agregado a la experiencia de acompañamiento de los estadios supervisados del curso de Licenciatura en Filosofía (UNIFRA) y la Coordinación del Programa Institucional de Iniciación a la Docencia (PIBID/CAPES / UNIFRA) en el área de Filosofía.

**Palabras claves:** Posibilidades. Desafíos. Enseñanza de la filosofía. Educación básica.

### Introdução

Diversos são os desafios encontrados no ensino de Filosofia na educação básica brasileira, que podem ser percebidas a partir do contato com a sala de aula ou mesmo por meio do relato de experiência de diferentes professores e estudantes, do acompanhamento dos estágios supervisionados do Curso Licenciatura em Filosofia do Centro Universitário Franciscano – UNIFRA, bem como da vivência e experiência junto à Coordenação do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES/UNIFRA) na área de Fi-

---

\* Doutor em Filosofia da Educação - PPGE/UFPEL. Mestre em Filosofia - PPGF/UFMS. Licenciado em Filosofia - FA-FIMC. Professor Adjunto - Centro Universitário Franciscano - UNIFRA. [maralexalves@gmail.com](mailto:maralexalves@gmail.com)

losofia. Neste sentido, a presente investigação versa sobre as causas dos tantos desafios, relatados pelos profissionais envolvidos com a docência, tais como: a pouca valorização da Filosofia por parte dos professores; o preconceito dos alunos com a disciplina; a preguiça mental dos alunos; o descaso com as diretrizes curriculares; a falta de consenso na elaboração do Projeto Pedagógico; a desvalorização da formação pedagógica; as péssimas condições materiais de muitas escolas; a falta de materiais e livros didáticos; turmas superlotadas; a má remuneração aos professores; o excesso de trabalho e a falta de atualização e formação permanente de muitos professores; a formação universitária deficiente; a desmotivação dos colegas docentes; os programas deficientes; o desinteresse dos alunos pela disciplina e a perda do desejo de saber por parte dos alunos.

### **Desenvolvimento**

A existência de desafios no ensino de Filosofia, no cenário brasileiro atual, são facilmente perceptíveis a partir de um simples contato com a

realidade de sala de aula e o relato de algumas experiências resultantes do Programa Institucional de Iniciação à Docência - PIBID (SOARES; SIQUEIRA; MALAQUIAS, 2011). Inúmeros são os artigos e obras em que pesquisadores têm levantado tais problemas (ROLLA; NETO; QUEIRÓZ, 2003). Entre os utilizados nesta pesquisa, destaca-se Araldi (2005), que apresenta três motivos que dificultam o ensino, nesta disciplina na educação básica, a saber: a pouca valorização da Filosofia pelos professores e diretores das escolas; o preconceito dos alunos em relação à disciplina e a preguiça mental da maioria dos alunos.

A falta de professores bem preparados teórica e metodologicamente, para ministrar as aulas de Filosofia é enumerada como fato determinante para a desvalorização da disciplina, bem como o descaso de muitos professores e da própria escola com a disciplina, julgando-a sem importância e até desnecessária. Isto se evidencia concretamente todas as vezes que se designa professores de outras áreas para ministrarem as aulas de

Filosofia, o que acarreta em aulas deficitárias.

O preconceito dos alunos está atrelado ao fato de muitos considerarem a disciplina de Filosofia como algo secundário e desnecessário, pouco prático e que ninguém é reprovado, e ademais que as aulas se resumem à discussão de um pouco de tudo sem se chegar a nada. Este tipo de preconceito está incutido na cabeça de muitos jovens, tanto na escola pública quanto privada, e este é um problema que os professores de Filosofia têm que enfrentar e modificar esta concepção errônea que se tem da disciplina.

Já a preguiça mental dos alunos é algo passível de se observar em praticamente todas as disciplinas, mas quando se trata da disciplina Filosofia este fato é ainda mais evidente. Os alunos em geral encontram enormes dificuldades de interpretar um texto filosófico, por mais simples que seja, e ainda mais se lhes for exigido que argumentem sobre o texto com base em sua compreensão. Deste modo, observa-se a enorme dificuldade de desenvolver um pensamento com coerência lógica, e em geral se faz uso

de expressões como “acho que”, que revelam uma incapacidade de pensar com conceitos ficando atrelados apenas ao senso comum.

Mas, a que se deve a causa de tamanha desmotivação em que se encontram muitos alunos na educação básica, especialmente, no que diz respeito ao fato de pensar, ou porque há o preconceito de muitos estudantes em relação à disciplina de Filosofia? Rubin (2001) nos alerta para o fato de vivermos em meio ao que ele chama de “cultura de vídeo”, em que se abandonou o hábito de ler e se buscou somente ver imagens que passam velozmente diante dos olhos, em uma sucessão ininterrupta de imagens que não permite aprofundar nada. Essa cultura também pode ser chamada de “cultura da superficialidade”, e como consequência, nossos jovens não querem pensar, não querem ler e escrever, mas preferem o que tal cultura lhes impõe, que por sinal lhes é mais prazerosa do que pensar.

Essa “cultura” impõe uma agressão e, conseqüentemente, se apresenta como uma tirania, pois rouba de muitos jovens o gosto e o prazer pela descoberta que o estudo é

capaz de oferecer, em troca de um prazer sensível e superficial. É como se observa quando os jovens gastam horas de seus dias na frente de um computador, sejam nas redes sociais, em jogos ou em sites que em nada lhe acrescem como pessoas e como estudantes.

A “cultura de vídeo” também é uma “cultura da facilidade” que

quer tudo fácil, produzido pela crescente facilidade das indústrias de produção que não exigem o cuidado e o esforço da preparação daquilo de que necessitamos. Produzem tudo pronto para satisfazer nossas sempre mais numerosas necessidades, despertadas cotidianamente pela propaganda comercial. Em nosso caso, essa cultura pretende desenvolver as aptidões naturais de inteligência, vontade e faculdades físicas do agir, sem nenhum esforço, sem precisar fazer o exercício. (RUBIN, 2001, p.41)

Aqui, nota-se algo fundamental, pois em meio a uma cultura que não está acostumada a fazer esforço, em que se recebe tudo pronto, a educação tende a sofrer as consequências deste modelo cultural em que se vive atualmente. Ou seja, os jovens têm facilidades de baixar livros inteiros em *pdf* pela Internet, conseguem acessar

a todo tipo de informação possível pelos meios digitais, mas o problema é assimilar esses conteúdos, sair da superficialidade e adentrar no mundo da compreensão em que a leitura e a concentração conseguem proporcionar. Neste sentido, a figura do professor é imprescindível, pois o conhecimento só é conhecimento enquanto organização. Outrossim, o conhecimento exige que as informações sejam relacionadas e inseridas no seu próprio contexto, pois as informações isoladas constituem apenas parcelas dispersas de saber. Numa palavra, em toda parte, nas ciências como nas mídias, estamos afogados em informações. Portanto, neste contexto, cabe ao professor de filosofia auxiliar os estudantes a fazerem sínteses e a sistematizar as informações, para que estas possam ser transformadas em conhecimento significativo e útil sob o ponto de vista humano (ALVES, 2011).

Outro grupo de desafios no ensino de Filosofia é levantado por Gonçalves (2005) que é o pouco conhecimento das Diretrizes Curriculares por parte dos professores, a falta de consenso na elaboração do projeto

de prática de ensino, e ainda a desvalorização da formação pedagógica que é tratada, em muitas universidades, como um conhecimento de segundo plano.

Quanto ao desconhecimento das Diretrizes, pode-se destacar o fato de que os professores estejam mais voltados a sua prática em sala de aula do que nos próprios documentos pedagógicos e instituídos pelo próprio MEC, onde falta leitura, compreensão e interpretação de tais documentos por não julgarem necessários ou, de acordo com as palavras de Gonçalves (2005, p.54) “os textos legais que introduzem esta inovação são muito evasivos, pouco claros, deixando em aberto a forma de desenvolvimento destas (práticas)”.

Por um lado, toda essa falta de conhecimento das políticas públicas, acerca do ensino de filosofia, culmina com a incapacidade de se estabelecer um consenso na elaboração da prática de ensino coerente com os princípios da educação básica, com a dificuldade de se trabalhar em equipe, em que alguns professores preferem não abrir mão de suas convicções no planejamento didático-pedagógico,

ou por não disporem de tempo suficiente para a elaboração de um projeto pedagógico coerente, ou ainda por possuírem muitas turmas e atuarem em mais de uma escola.

Por outro lado, a desvalorização da formação pedagógica implica no fato de que muitos professores se encontram, devido ao excesso de trabalho, com acúmulo de provas e trabalhos para corrigir devido a assumir muitas turmas, o que lhe tira o tempo necessário para preparar boas aulas e buscar participar de cursos e oficinas de formação, ou seja, assumir de fato o processo de formação permanente.

Ricardo Navia (2005) aprofunda a discussão e amplia o leque dos desafios presentes na educação básica brasileira e que dificultam o ensino de Filosofia, a saber: as péssimas condições materiais de muitas escolas; a falta de materiais e livros didáticos; as turmas superlotadas; a má remuneração aos professores e o excesso de trabalho; e o descaso com a busca de atualização e formação permanente de muitos professores.

Na sequência, analisamos passo a passo a cada um dos desafios elencados por Navia (2005). De fato, mui-

tas escolas se encontram em péssimas condições materiais, com seus prédios, equipamentos e mobiliário sucateados, e essa é uma situação possível se verificar em boa parte das escolas públicas. O que se conclui é que falta investimento por parte do governo em proporcionar melhores condições de trabalho aos docentes e a disponibilização de uma infraestrutura adequada à realização prática pedagógica inovadora aos alunos. Contudo, pode-se inferir que não é uma sala bem pintada e cadeiras confortáveis que determinam a qualidade em educação, mas tudo isto serve como motivação e/ou desmotivação tanto para professores quanto para os alunos.

Quanto à falta de materiais e livros didáticos, isto é facilmente constatado em muitas escolas, devido à falta de investimento e o descaso por parte do governo, embora haja algumas melhorias nestes últimos anos com relação à distribuição de livros didáticos para todas as escolas públicas. Porém, ainda, há carências quanto a aquisição de livros paradidáticos, revistas, jornais para pesquisas quando se fala em relação ao ensino da Filosofia (ROCHA, 2008).

Já com relação às turmas superlotadas, pode-se enfatizar que, por si só, este não seria um problema de muitas escolas públicas, pois a questão não é tanto a turma muito grande, mas o barulho que uma turma, embora com poucos alunos, seja capaz de produzir em uma sala de aula, principalmente quando há repetentes ou quando eles não estão interessados em pensar. Nesses casos fica difícil manter as aulas dentro do objetivo pensado e proposto, pois muitos fatores externos à escola e, sobretudo, à aula estão presentes nos alunos.

Soma-se isso, a má remuneração dos professores. Esse tem se constituído, talvez, como o principal problema e que gera uma desmotivação em massa no quadro docente das escolas públicas. Para compensar um salário baixo, os professores têm que trabalhar até três turnos para melhorar sua renda, e nestes casos assumem turmas além de suas condições o que elimina tempo para pesquisa e dificulta o processo de qualificação permanente. Alhures, os outros professores que não dobram sua carga horária, em geral acabam por se acomodar, pois pensam que como

ganham tão pouco não vale a pena se incomodar e se esforçar por fazer um trabalho diferenciado. E, por fim, o fato de o professor estar com excesso de trabalho, com muitas turmas, acaba por não dispor de tempo para dedicar-se à formação continuada e torna-se um escravo de sua rotina ininterrupta de aulas e mais aulas.

Outro grupo de desafios no ensino é apontado por Desidério Murcho (2002), que embora nos apresente a experiência de Portugal, tem muito a contribuir com a situação educacional de nosso país. Murcho afirma que um professor de Filosofia que procure fazer um bom trabalho, certamente, enfrenta quatro obstáculos, a saber: uma formação universitária deficiente; colegas desmotivados; programas de políticas públicas para a educação, lançados pelo governo; e estudantes desmotivados.

Bem, a formação universitária deficiente é percebida quando um professor recém formado, ao sair da instituição superior de ensino, depara-se com a situação do ensino público, neste momento constata que o que estudou e aprendeu na faculdade é praticamente irrelevante na sua práti-

ca letiva. Neste processo de volta ao contato com a educação básica, o neodocente se depara com a nova realidade e constata que sua faculdade não lhe ensinou a filosofar, mas apenas a decorar conteúdos ou a repetir as ideias de muitos filósofos (SILVA, 2011). Ou seja, não lhe despertou para o processo do filosofar, pois parece que a instituição superior não consegue levar seus discentes ao processo de construir por si próprio seus conceitos.

Aqui, há um perigo de tornar a aula de Filosofia uma mera história da Filosofia ou das ideias dos principais pensadores e filósofos. Ainda dentro deste primeiro ponto, Murcho (2002) postula que o caráter crítico da Filosofia deve conduzir os estudantes ao processo de construção de seus conceitos com base na própria criticidade, pois, se assim não se fizer, corre-se o risco da disciplina de Filosofia tornar-se chata e dispensável pelos alunos e colegas de outras áreas do saber.

A desmotivação dos colegas professores tem diversas causas, como o fato do docente não estar preparado para as mudanças sociais que

estão ocorrendo. Neste cenário atual, o professor tem que ser criativo e entrar na dinâmica do jovem e não simplesmente impor a sua forma de ministrar as aulas. Murcho (2002) descreve ainda a desvalorização da profissão, por conta dos baixos salários (Cf. NAVIA, 2005), como um dos fatores que influenciam na desmotivação dos docentes na educação básica.

O fato das instituições de ensino estarem engessadas e burocratizadas, e demonstrarem que aparentemente tudo está bem, evidencia uma falsidade, pois embora os números mostram que a maioria dos estudantes estão sendo aprovados, o que se observa na prática é que não estão efetivamente aprendendo.

Hoje as escolas são parte de uma máquina burocrática, gerada por burocratas que tudo o que procuram é uma promoção pessoal e continuam a ganhar bem sem fazer nada. E para conseguir isto têm de apresentar números felizes de sucesso escolar inventado (MURCHO, 2002, p.10).

O profissional de qualquer área, ao colocar seu objetivo apenas na promoção ou no seu bem estar mate-

rial e abrir mão de buscar uma qualificação, tende naturalmente a cair de produção e visivelmente demonstrará suas limitações. Assim ocorre com os professores que dentro da escola pública tenham como motivação apenas o que vão ganhar no final do mês. Murcho (2002) faz um desafio aos professores, enfatiza que devem se lançar no trabalho, adquirir bons livros, usar melhor seu tempo ocioso para a pesquisa e para se qualificar, pois os alunos não merecem ter professores desinteressados e mal preparados dentro da sala de aula.

Ainda, ao descrever a realidade de Portugal, mas que pode ser igualmente observada em nosso país, Murcho fala sobre a questão dos programas deficientes lançados pelo governo.

Os programas de Filosofia do Ministério têm sido até hoje fruto do desconhecimento. A única coisa boa que têm é que a força de serem vagos, podemos fazer mais ou menos o que queremos. E, portanto podemos também fazer um trabalho de qualidade. O problema é que podemos também fazer um trabalho péssimo, e estamos sempre legitimados (2002, p.16).

O problema dos programas deficientes levantado aqui e traduzidos para a realidade do nosso país, pode ser refletido a partir do histórico e do emblemático entra e sai em que a disciplina de Filosofia sofreu ao longo da recente história educacional no Brasil (GALLO, 2004). Isso se deve ao fato de não se ter ainda uma tradição da presença da disciplina de Filosofia, na grade curricular, da educação básica, o que gera entre professores e alunos uma desconfiança acerca da importância e real contribuição da disciplina para a educação.

Já quanto ao desinteresse dos alunos pela disciplina de Filosofia, Murcho (2002) destaca que se vive numa sociedade obcecada pela televisão, pela publicidade, pela frivolidade das modas e das tolices americanas. E ainda acrescenta que, é uma lástima que não se tenha importado o modelo das boas escolas e universidades americanas, juntamente com a Coca-Cola e o McDonalds.

Consequentemente, os adolescentes e jovens, inseridos na escola básica, tendem ao prazer e as coisas mais fáceis, preferem o lúdico a uma atividade que requer esforço. Claro

que neste contexto, a Filosofia perde espaço e sofre um desprestígio, pois “pensar dói” e parece que esta geração das tecnologias da comunicação e informação não está muito interessada em pensar, ou pelo menos apresentam sérias dificuldades de concentração e de fazer uma simples abstração. Certamente que não se pode generalizar ao dizer que todos os professores e alunos são ruins, e não estão interessados, mas o que importa é observar que se vive numa época difícil, onde inúmeras correntes para-filosóficas desestimulam a Filosofia e seu ensino.

Acrescenta-se a isso, outro problema na educação, que é o fato de a escola matar, nos jovens, o desejo de saber, seja pela sua estrutura que preconiza e apresenta a figura do professor como o mestre e o jovem ou a criança como aluno (sem luz), que pouco pode contribuir com o saber, ou mesmo pelo fato do estudante ter medo ou vergonha de se expor na frente dos outros e rirem de seus erros na sala de aula.

Neste sentido, é possível observar que uma criança de cinco anos costuma importunar os adultos com

as perguntas: “O que é isto? O que é aquilo?”, pelo que se conclui que há no humano um desejo de conhecer, mas quando esta criança chega à escola, esta começa a lhe tirar o desejo de saber que se estenderá, na escola básica, por toda sua vida estudantil. Logo, os jovens ao ingressarem na universidade, estão com o desejo de saber apagado ou até definitivamente morto (CEPPAS, 2011). Por conseguinte, o estudante recusa-se a entender por que sua perspectiva de interesse está completamente tomada por outras preocupações que o absorvem totalmente, e assim as aulas se tornam chatas e muitos estão presentes apenas para passar de ano e não se interessam em aprender.

As consequências geradas pela perda do desejo de saber acarretam sérios problemas à educação e para a qualidade das aulas, pois ao se colocar na condição do aluno, percebemos que morto o desejo de saber, acaba também a curiosidade, a pergunta, a busca de entendimento de como funciona a vida e a sociedade. Sobrevém a apatia, o embotamento da inteligência. Neste contexto, o professor de Filosofia tem uma importan-

te missão, levar os alunos a um processo reflexivo ensinando-os a pensar, a se questionar a partir da própria realidade de uma forma que brote nos jovens e adolescentes aquele tipo de pergunta que faziam quando tinham cinco anos de idade (PEREIRA, 2011).

Portanto, penso que a qualidade nas aulas de Filosofia, por um lado, dependem do bom preparo do professor com as menções levantadas acima, no sentido de levar os alunos a pensar; por outro lado, dependem também dos próprios alunos que precisam sair do comodismo que se encontram. Contudo, a experiência e os relatos mostram que nem sempre as melhores aulas, em âmbito de preparo e planejamento, foram as melhores aulas na prática, pois vários fatores influenciam na qualidade de uma aula, desde a preparação da aula até o interesse dos alunos. Há dias em que os alunos não estão interessados, por uma infinidade de fatores, desde motivos como o calor ou o frio, fatos importantes que aconteceram na semana divulgada pela mídia, aula próxima ao horário de ir para casa, de-

sinteresse por pensar questões um pouco mais complexas, entre outros.

### **Considerações finais**

Diversos foram os desafios aqui apresentados no que diz respeito ao contexto atual do ensino de Filosofia, na educação básica brasileira, desde dificuldades relacionadas a medidas equivocadas por parte do governo, como os baixos salários pagos aos professores, a desmotivação dos profissionais de educação por vários fatores, até o desinteresse dos alunos como a preguiça mental e a perda do desejo de saber que muitos alunos apresentam.

Para melhorar a qualidade de ensino de Filosofia, defende-se que o professor deve buscar se qualificar, planejar e preparar aulas de forma criativa para, deste modo, despertar o interesse dos estudantes e os faça acordar do “sono” em que se encontram e voltem a se questionar. Entretanto, o professor deve estar consciente de que não se trata de uma tarefa fácil e que não deve se desmotivar caso não consiga atingir tais objetivos em todas as aulas, pois é praticamente impossível manter as aulas em um

mesmo nível. Ou seja, cada dia é único, um aluno hoje está mais disposto a participar e amanhã pode ser que não esteja, e o próprio professor tem determinados dias em que está mais inspirado.

E, finalmente, pode-se afirmar que uma aula de Filosofia acontece a partir da construção racional proposta pelo professor e assimilada pelos estudantes de forma que estes busquem construir os conhecimentos pelo exercício da razão, e para isto acontecer deve haver o interesse despertado pelo docente. Assim, a disciplina de Filosofia tende a tornar-se mais atrativa aos adolescentes e jovens, de forma que concilia plenamente sua própria especificidade e complexidade, pois por especificidade entende-se o objeto da Filosofia com seu caráter crítico e reflexivo, enquanto que a complexidade está ressaltada pelas inúmeras dificuldades na docência no cenário da educação básica brasileira, levantada nesta abordagem, que vai desde questões políticas até o contexto social, no qual se encontram envolvidos tanto professores quanto alunos.

### Referências

ALVES, M.A. Uma breve introdução à filosofia: o pensar filosófico - fazer filosofia pressupõe filosofar. **Ethic@** (UFSC), v. 10, p. 157-178, 2011. <http://periodicos.ufsc.br/index.php/ethic/article/view/1677-2954.2011v10n1p157/20544>

ARALDI, C.L. A experiência do estágio supervisionado dos alunos da UFPel. In: RIBAS, M.A.C. et al. (Org.) **Filosofia e ensino: A Filosofia na escola**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

CEPPAS, F. Desencontros entre ensinar e aprender filosofia. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Nº. 15, nov/2010-abr/2011, p. 44-54. <http://seer.bce.unb.br/index.php/resafe/article/view/5336>

GALLO, Silvio. **Ensino de filosofia: teoria e prática**. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.

GONÇALVES, Rita Athaide. Um estudo sobre a formação inicial do professor de Filosofia. In: RIBAS, M.A.C. et al. (Org.) **Filosofia e ensino: A Filosofia na escola**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

MURCHO, D. **A natureza da Filosofia e seu ensino**. Lisboa: Plátano, 2002.

NAVIA, R. O ensino médio de Filosofia nas presentes condições culturais e sócias de nossos países. In: RIBAS, M.A.C. et al. (Org.) **Filosofia e ensino: A Filosofia na escola**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

PEREIRA, G.A.E. O Ensino médio e a Filosofia: Entre a reflexão e a tradição. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Nº. 16: maio-out/2011, p. 61-70. <http://seer.bce.unb.br/index.php/resafe/article/view/5361>

ROCHA, R. **Ensino de filosofia e currículo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

ROLLA, B.M; NETO, A.S; QUEIROZ, I.P. (Org.). **Filosofia e Ensino: possibilidades e desafios**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2003.

RUBIN, A.A. **Minha pequena Filósofa: Minha pequena filosofia**. Santa Maria: Pallotti, 2001.

SILVA, A.S. Considerações sobre filosofia e Ensino: uma confrontação dialética. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Nº. 16: maio-out/2011, p. 3-16. <http://seer.bce.unb.br/index.php/resafe/article/view/5357>

ALVES, Marcos Alexandre. Desafios e potencialidades: O ensino de filosofia no cenário da educação básica brasileira. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Número 21: nov/2013-abr/2014, p. 157-169.

SOARES, A.T.C.; SIQUEIRA, A.Q.; MALAQUIAS, V.L.S.M. **Ensinar–aprender filosofia na escola:** a experiência do PIBID no município de Salvador/BA. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação. Número 16: maio-out/2011, p. 109-119. <http://seer.bce.unb.br/index.php/resafe/article/view/5364>

Recebido em 03/11/2010  
Aprovado em 26/04/2011